



INTERCÂMBIO

Taromancia, o que sabemos? Breve análise sobre a taromancia hodierna no Brasil

Taromancy, what do we know? A brief analysis of today's taromancy in Brazil

Ana Paula Fernandes Rodrigues*
Patrícia Rosendo**

Resumo: Por meio da observação participativa em perspectiva insider, hipotetizou-se existirem estereótipos vindo do imaginário popular sobre a taromancia: o de supostamente ser uma prática esotérico-mediúmica que pressupõe relação direta do praticante, além das cartas, com o além-mundo. Foi feita uma coleta de dados entre 03 de janeiro e 01º de fevereiro de 2021, por meio de questionários objetivos para o público em geral e para profissionais do tarô, a fim de se diagnosticar se e quais mudanças ocorreram no início do século vigente. Como a pesquisadora é, também, uma insider, nosso pressuposto foi o de que, apesar dos estereótipos remanescentes da época colonial, esteja acontecendo um processo de secularização da profissão. Procuramos contribuir para a pesquisa acadêmica sobre o tema a partir da produção de conhecimento auxiliar no reposicionamento social da taromancia do século XXI.

Palavras-chave: Taromancia, tarô, imaginário popular.

Abstract: Through participatory observation from an insider perspective, hypothetical stereotypes were coming from the popular imagination about Taromancia, namely, that supposedly is an esoteric-mediumistic practice that presupposes a direct relationship of the practitioner, besides the cards, with the other world. Data collected between January 3 and February 1, 2021, through objective questionnaires of the general public and tarot professionals permitted to diagnose whether and what changes occurred at the beginning of the current century. As the researcher is also an insider, we assumed that despite remaining stereotypes from the colonial era, a process of secularization of the profession is taking place. We sought to contribute to academic research by producing knowledge and assisting in the social repositioning of the Taromancia of the 21st century.

Keywords: Taromancy, tarot, popular imagination.

Introdução

A taromancia é objeto de estudo dentro das ciências humanas em diferentes áreas, como as da ciência da religiões, comunicação e educação, entre outras. Instrumentalizada como fonte de renda, a taromancia é praticada em larga escala de forma presencial e on-line. Além de consulta ao tarô, os cursos, workshops e congressos nacionais e internacionais crescem exponencialmente no século XXI graças ao advento da internet,

* Doutora em Psicologia Social (UFPB, João Pessoa-PB). ORCID: 0000-0003-4128-5885 – contato: anapaulacavalcanti.ufpb@gmail.com

** Mestre em Ciências das Religiões (UFPB, João Pessoa-PB). ORCID: 0000-0002-6615-7751.

mais precisamente das redes sociais como Facebook e Instagram, que expandiram e democratizaram o acesso ao conhecimento da tarologia. Entretanto, o tarô não se limita ao uso mântico, sendo hoje, também, instrumento que inspira coleções de moda, peças teatrais, letras de música, literatura, além da cultura pop do cinema há décadas. Outra realidade do fenômeno da taromancia hodierna é a crescente participação desta como fonte de renda familiar. Além de profissionais capacitados para a interpretação das cartas, hoje, pessoas se dedicam a ser professores, escritores, pesquisadores, desenhistas em tempo integral para o desenvolvimento e venda da taromancia; cursos presenciais, escolas EAD e monitoria são serviços profissionalizantes e profissionalizados que estão gerando renda e sustentando lares (Gregory, 2019). Hoje, é possível observar a taromancia sendo praticada para além dos ambientes místicos e esotéricos, religiosos e espiritualistas, e, cada vez mais, consumida por pessoas das mais diferentes características religiosas e/ou filosóficas, extrapolando de uma prática espiritualista para o mercado de trabalho como uma prática que promove o bem-estar espiritual do cliente (Gregory, 2019). Mas, apesar de sua popularidade, a taromancia ainda hoje é compreendida como uma prática esotérico-mediúnic ou apresenta também novas formas de compreensão e práxis?

Conhecer o posicionamento subjetivo da taromancia hodierna na sociedade contemporânea pode fornecer a fundamentação necessária à compreensão dos caminhos possíveis para um estudo mais aprofundado em ciência da Religião, área que busca compreender o simbólico da humanidade e seus efeitos no mundo, considerando temas e objetos não usuais típicos das ciências humanas – como, por exemplo, a espiritualidade e aspectos intrínsecos à condição de ser humano. Uma pesquisa que busque explorar e analisar a interação da sociedade com a taromancia pode colaborar para o desenvolvimento de pesquisas esmiuçadoras desta prática há séculos presente na sociedade ocidental, enriquecendo os estudos a respeito destes tipos de fenômenos sociais inerentes à ciência da Religião. Outro aspecto importante desta pesquisa é, tanto quanto for possível, beneficiar quem a utiliza como fonte de renda e geração de emprego e a quem a consome como serviço especializado; além de que, ao observar com afinco aspectos das lâminas italianas desde sua origem até hoje, seu estudo pode contribuir à simbologia, filosofia, comunicação, psicologia, sociologia, história e à arte, pois a tarologia tem sido cada vez mais ampliada e demonstra ser passível de estudo multidisciplinar, tanto por quem pratica a taromancia quanto por quem tem como objeto de estudo acadêmico o tarô.

Como pretendemos explorar a taromancia sob a ótica da sociedade e dos profissionais, nossa pesquisa se configura como um estudo exploratório da impressão social e da prática profissional nos dias de hoje. Esse tipo de estudo quantitativo e qualitativo exploratório é realizado quando precisamos examinar um tema pouco explorado e de que dispomos de pouca literatura que embase os estudos vindouros (Sampieri, 2013). Por meio de questionários direcionados para o público em geral e os taromantes, buscamos explorar o imaginário e a prática hodierna a fim de diagnosticar se e quais mudanças ocorreram no início do século vigente. Com esse estudo, buscamos contribuir à pesquisa acadêmica sobre o fenômeno e, pela produção de conhecimento, auxiliar no reposicionamento social da taromancia do século XXI.

A taromancia

A taromancia inaugura o século XXI tipificada pela Classificação Brasileira de Ocupações – documento que retrata a realidade das profissões do mercado de trabalho brasileiro – como atividade profissional, com o código de família 5168, como “Esotérico e Paranormais”, com título 5168-05, agregado entre os “Analistas Kirlian e videntes”. Reconhecido pelo Ministério do Trabalho e Emprego, o taromante pode ser autônomo, registrar-se como microempreendedor e ser contratado por empresas, tendo, inclusive, sua carteira de trabalho assinada; goza de direitos e deveres, como o recolhimento do FGTS e INSS e obrigatoriedade de formação de até 200 horas/aula; é o exercício pleno da taromancia pelo mínimo de cinco anos que o faz profissional oficialmente qualificado; porém, a profissão não conta com lei regulamentadora. Dito de outra forma, a taromancia é oficialmente considerada uma prática da religiosidade popular e encontra barreiras antigas para sua inserção no mercado de trabalho como uma especialidade profissional apartada do esoterismo e do espiritualismo. Mesmo depois de (1) seis séculos de sua gênese medieval-europeia, (2) 30 anos de pesquisa acadêmica no Brasil e (3) constar oficialmente na Classificação Brasileira de Ocupações, de acordo com minha experiência como insider e na troca de impressões com colegas da profissão, é notável sua descredibilidade perante a sociedade contemporânea. Sintomaticamente, conforme descrito no site da CBO do Ministério do Trabalho, a taromancia é institucionalmente classificada com o mesmo título de videntes, sob o mesmo código dos paranormais, o que nos coloca diante de importantes questões acerca da taromancia hodierna. Para esta pesquisa, considerou-se como problema central a questão sobre qual percurso histórico a levou até o início do século XXI tipificada como prática esotérico-mediúnic. Há uma história a ser contada que poderia ajudar a compreender a formação desse estereótipo vigente até hoje? E, por fim, qual a força motriz para o desenvolvimento desse estereótipo?

Há vinte e nove anos inaugurou-se, no Brasil, a pesquisa acadêmica sobre tarô pela sociologia; um estudo sociológico feito por Fátima Regina Gomes Tavares, cuja dissertação, de 1993, só é possível encontrar na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em formato impresso. Hoje, para além do seu atributo popular de preditor da sorte, conforme verificado no estado de arte, é objeto de estudo das ciências humanas, tais como sociologia, antropologia, educação, comunicação social, história da arte, artes visuais, artes cênicas, letras e, também, na matemática. Conforme verificado na pesquisa de estado da arte feita para este trabalho, mesmo constando pesquisadores e profissionais dedicados às questões da história do tarô dentro e fora da academia, pouca atenção foi dada à pesquisa quando se trata de, por um lado, pesquisar os problemas inerentes à condição da taromancia na sociedade atual e, por outro, desenvolver possibilidades de estudos acadêmicos que deem aprofundamento às pesquisas a respeito do maço de cartas italiano e suas utilidades, contribuindo para entender, de maneira aprofundada, a longevidade, a popularidade e as manipulações que esse tipo de técnica experimenta.

Como que envolta por espessa névoa, a partir da minha experiência como profissional insider foi possível observar a perpetuação geracional da perspectiva místico-religiosa, com vestes de tradição da taromancia, o que acabou por semear uma árvore genealógica

bastante dispersa, confusa e frágil, com supostos teóricos e teorias que supõem transmitir conhecimentos acerca da história do tarô, a natureza do tarô e a prática da taromancia, conforme encontramos nos livros “especializados”. O primeiro de tais teóricos é o pastor protestante, maçom e intelectual Antonie Court de Gébelin, que inaugura a história da taromancia atribuindo as cartas ao deus egípcio Thoth. A partir desse fato, houve uma sucessão de acontecimentos que levou o tarô às escolas esotéricas, sua ligação com a prática moderna da bruxaria até sua chegada ao Brasil, em meados do século XIX, tendo adquirido qualidade de ferramenta para a prática mediúcnica.

O processo de esoterização do tarô

A pesquisadora Hellen Farley (2009) aponta que, no século XVIII, a Europa passa a rejeitar o pensamento supersticioso medieval e começa a cultivar o pensamento racionalista. Ou seja, a partir de então, era pela lente da razão e não mais da metafísica que veríamos e perscrutaríamos o mundo, focando apenas no que as faculdades plenamente humanas eram capazes de revelar. Agora, o objetivo era direcionar-se ao “impulso para formas de pensar menos orientadas para a fantasia” (Farley, 2009, p. 95). Outro fato importante foi a perda do poder hegemônico da igreja católica, pois ela não mais impunha os padrões de fé e crenças, competindo agora com novas formas de pensar o religioso — no que concerne a esta pesquisa, as escolas ocultistas, que, em reação ao desamparo racionalista, começaram a se propagar na Europa iluminista. A Europa viu crescer o interesse pelo ocultismo pelo romantismo e pelo simbolismo. Movimentos ocultistas se desenvolveram na França, em especial o espiritismo (Alan Kardec), a sociedade teosófica (Helena Pretovna Blavasky e Henry Steele Olcott) e o martinismo (Martines de Pasqually e Louis-Claude Saint-Martin).

Por sua vez, no início do século XIX, durante as expedições de conquista de Napoleão Bonaparte, a França entrou em contato com os primeiros artefatos da cultura egípcia e os ocultistas rapidamente iniciaram estudos sobre a sociedade egípcia, crenças de que tal cultura era receptáculo de vasta e profunda sabedoria hermética. Para além do Egito, também havia o interesse por outras sociedades antigas como a indiana, à época também envolta de fascinantes mistérios, e que fora fomentado pelo desencanto com o cristianismo católico (Giles, 1992). O contato com diferentes civilizações antigas e a ruptura com o pensamento religioso cristão colaboraram para o amalgamento de diferentes filosofias, sistemas simbólicos, crenças e imaginários, favorecendo, mais tarde, a aproximação e a assimilação de conceitos do ocultismo ao tarô (Naiff, 2020).

A história da criação da tarologia e o desenvolvimento da taromancia se deram nesse âmbito cultural por agentes masculinos de sociedades secretas constituídas por intelectuais da elite, que pretendiam o conhecimento oculto como religião e almejavam desvendar supostos mistérios ontológicos, cosmológicos e cosmogônicos, o conhecimento e a sabedoria ocultas “em cada objeto, sagrado ou mundano” (Farley, 2009, p. 101); aqui, a grande empreitada eram as “descobertas”, as associações com os ensinamentos místico-esotéricos, primordialmente a cabala, mas também a alquimia, a magia, a numerologia, a astrologia.

Esses agentes, apesar de merecedores de ressalvas e críticas, inauguraram a disciplina e a profissão, que, três séculos depois, estão enraizadas no imaginário popular ocidental: a tarologia e a taromancia. Eram homens eruditos, escritores, antropólogos, médicos, religiosos, jornalistas, sujeitos históricos da França pós-iluminista, descrentes do materialismo e buscadores de verdades espirituais universais. Às mulheres destinou-se o desenvolvimento imagético das cartas, sendo hoje estudadas e consagradas como responsáveis pelos baralhos mais emblemáticos, cuja aquisição de seus baralhos virou artigo de colecionadores do “mundo do tarot” (Arroniz, 2014).

O tarô no Brasil

Até a década de 1990, todo o material disponível sobre o tarô no Brasil se dedicava ao ensino de como “deitar as cartas” e a transmitir todo o conhecimento que antes era de caráter iniciático e esotérico, fomentado pelo movimento Nova Era (Guerriero, 2016), mas agora exotérico, disponível a qualquer pessoa que pudesse pagar pelos livros disponíveis em livrarias, sebos e cursos pela internet pagos e gratuitos.

A respeito do ocultismo, que “refere-se ao conhecimento mágico ou místico envolto em mistério” (Guerriero, 2006, p. 125), a iniciação e prática hodiernas da taromancia já não guardam mais esta característica frente a oferta de material didático para seu aprendizado em sites, livrarias e redes sociais, hoje incontáveis (Arroniz, 2014), e já não se limita mais à ideia de uma prática mágica e sobrenatural (Guerriero, 2016).

Um exemplo bastante interessante é o do Tarô. A leitura dessas cartas é tida, no meio Nova Era, como um instrumento bastante poderoso de desvelamento do oculto e, principalmente, de autoconhecimento. As livrarias especializadas na literatura Nova Era possuem, em geral, uma seção especializada em livros sobre Tarô. Da internet divulgam o Tarô a qualquer interessado, e as consultas ao Tarô guardam enorme sucesso no meio. Em suma, na Nova Era o Tarô é reconhecido com grande seriedade e como um forte instrumento aglutinador e potencializador de desvelamento da realidade oculta. O mito criado em torno do Tarô coloca-o no interior de uma sabedoria milenar e profunda. No entanto, a origem do Tarô é bem mais prosaica. Surgiu em meados do século XV na Europa como um jogo de baralho. Somente no século XVIII é que adquiriu uma conotação de adivinhação e no final do século XIX passou a fazer parte do cerne do esoterismo moderno. Na Nova Era, o Tarô chegou a partir da divulgação em larga escala do esoterismo ocidental (Guerriero, 2016, p. 218).

Até o ano 2000, quando da publicação da primeira edição da “Trilogia Estudos Completos do Tarô”, “eram unânimes em ditar que o Tarô fora guardado pelos sacerdotes egípcios e disseminado por intermédio dos ciganos” (Naiff, 2020, p. 251). A partir dessa obra, foi possível abrir debates a respeito da “arte da adivinhação” focados em esclarecer pontos importantes que embasaram o estereótipo e a espetacularização da taromancia, permitindo perceber que a raiz dos imbróglis vigentes fora a invenção e reinvenção de lendas a respeito da origem das cartas disseminadas pelo mundo ocidental ao longo dos séculos. Imperava, no Brasil, essas “verdades espirituais” iniciadas pelos “indivíduos esotéricos” do século XVIII, desenvolvidas ao longo dos séculos XIX e XX. Porém, antes da ligação com o ocultismo europeu, o fenômeno da taromancia no Brasil contou com a religiosidade brasileira do século XIX, que forjou a crença das

cartas como instrumento de conexão com o além-mundo, particularidade do imaginário brasileiro que se refere à relação do leitor com espíritos e da alegação das cartas como instrumento de acesso e comunicação com tais entidades já no período colonial (Del Priore, 2014). Portanto, quando nos debruçamos sobre as raízes do imaginário brasileiro, encontramos uma prática religioso-espiritualista estruturada fortemente na crença da natureza da taromancia como arte adivinhatória mediúnica. Nei Naiff nos relata que no final do século XX, na década de 1990,

[os profissionais e estudantes] achavam que o Tarô era um legado de cartas egípcias ou ciganas, não conheciam nada além da decoreba de palavras, entupiam as mesas oraculares de pequenos totens e revelavam jogar com toda a intuição que entidades espirituais lhes transmitiam. Todos se diziam reencarnações de algum mago, que haviam sido queimados na fogueira, ou, ainda, que estavam nesta vida para resgatar o passado. Detalhe: adoravam estudar cabala, mas nunca sabiam a razão, tampouco como aplicá-la em uma consulta de Tarô — ao final do jogo, tudo acaba em carma e resgate de vidas passadas (Naiff, 2020, p. 16).

Método

Em nossa pesquisa, de caráter exploratório de natureza quantitativa e qualitativa, devidamente aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob inscrição nº 40334720.0.0000.5188, buscamos compreender como a taromancia é compreendida e praticada nos dias de hoje. Foram elaborados dois questionários, um para a população geral e outro para os profissionais; nosso objetivo, tanto em relação à população geral quanto aos taromantes, foi o de examinar como estes grupos compreendem a práxis hodierna. O plano de pesquisa inicial estava direcionado à cidade de João Pessoa, Paraíba, onde, em diferentes regiões, aplicar-se-ia o dado questionário. Entretanto, devido à pandemia iniciada em março de 2020, tornou-se inviável o contato direto com o grupo da população geral e foi preciso, então, fazer a coleta de dados via internet por formulário criado na plataforma “Google Forms”. Essa reestruturação apresentou benefícios e prejuízos, pois o objetivo era ter proporcionalidade na diversidade da amostra, tanto em relação à renda, escolaridade e religiosidade quanto a gênero e raça em ambos os grupos.

Amostra

A seguinte amostra é composta, de forma geral, em ambos os grupos, por sujeitos espiritualistas abertos a diferentes crenças e religiosidades, com escolaridade de nível superior e de pós-graduação, classe média, predominantemente restrita à parte branca da população, sendo prevalente pessoas do gênero feminino. Por um lado, entendemos que o resultado da coleta de campo nos revelou a realidade de um nicho específico, com impacto nos resultados, principalmente no primeiro grupo, refletindo um espectro diferente do que esperávamos abranger quando da elaboração do projeto de pesquisa. Por outro lado, diante da impossibilidade imposta pela pandemia, com a migração para a internet, a amostragem expandiu-se para todas as regiões brasileiras.

O grupo representativo dos profissionais foi contatado pelo Instagram por meio dos colegas profissionais da pesquisadora, e aleatoriamente para profissionais desconhecidos de diferentes abordagens taromânticas. O grupo representativo da população foi contatado via WhatsApp dentre aqueles do conhecimento pessoal da pesquisadora; com a técnica Bola de Neve, atingiu o total de 389 respondentes (Anexo 1).

Instrumento

Foram aplicados dois questionários com perguntas fechadas dicotômicas e também perguntas nas quais os participantes puderam selecionar mais de uma opção para resposta. Utilizamos a escala Likert para mensurar a reação dos sujeitos participantes (Sampieri, 2013) nos dois questionários. A coleta aconteceu entre 03 de janeiro e 01º de fevereiro de 2021.

Os questionários foram elaborados com base, principalmente, na observação participativa de perspectiva *insider*. Tais questões permeiam o dia-a-dia dos profissionais quando da interação tanto com clientes em potencial como com os clientes “fidelizados”, quanto também na relação entre pares.

Além disso, as perguntas dos questionários consideraram o estereótipo encontrado nas produções audiovisuais, nas artes plásticas, na literatura, na comédia, nos crimes noticiados; também, foram levados em consideração temas debatidos ao longo dos anos em eventos, rodas de conversas presenciais e on-line, produção de conteúdo particular de cada profissional nas diferentes abordagens e conversas em grupos privados entre pares. Enfim, temas da realidade do cotidiano dos taromantes hodiernos.

Resultados

Participaram deste estudo 389 pessoas, sendo 221 indivíduos da população geral brasileira (56,8%) e 168 profissionais de tarô (43,2%). Analisados em conjunto, a maior parte da amostra era do gênero feminino (70,4%), de faixa etária entre 31 a 40 anos de idade (42,2%), de raça/etnia branca (59,4%), com ensino superior completo (43,4%), com renda familiar mensal superior a R\$ 7.800,00 (22,6%). De modo geral, a maioria dos participantes afirmou residir na região Nordeste do Brasil (43,2%). Dentre os que assinalaram possuir alguma crença religiosa, a maior parte declarou ser espiritualista e aberta(o) a diferentes crenças, práticas e religiões (27,0%).

Ao se levar em consideração as especificidades de cada grupo apresentado na tabela, observa-se que, dentre os profissionais de tarô, a maior parte residia na região sudeste (55,4%) e eram autodeclarados como espiritualistas e abertos a diferentes crenças, práticas e religiões (35,1%). Dentre os profissionais que responderam praticar alguma religião, a maior parte afirmou que a religião não influenciava na eficiência da prática oracular (57,7%). Com relação à população geral, a maior parte era residente na região Nordeste (65,6%), autodeclarados como católicos (20,8%), bem como espiritualistas e abertos a diferentes crenças, práticas e religiões (20,8%).

Ao ser questionada sobre considerar o tarô enquanto profissão, a grande maioria da amostra de profissionais (95,8%), bem como da população geral (57,9%), afirmou considerar o tarô como um exercício profissional. Do total de participantes da população geral brasileira, 52,4% afirmaram ser consulentes (i.e., afirmaram já ter feito uma consulta de tarô) enquanto 47,6% declararam nunca ter consultado o tarô (i.e., não consulentes).

Acerca dos profissionais, 75% desse grupo de participantes afirmaram praticar a taromancia profissionalmente, 70,8% declararam não praticar qualquer ritual para ler tarô e 76,8% afirmaram não praticar qualquer tipo de magia ao praticar a taromancia.

Acerca dos artefatos adicionais utilizados para fazer as leituras de tarô, somente 7,7% afirmaram utilizar cristais, velas e incensos, enquanto que 47,6% declararam não fazer uso de nenhum outro artefato e que apenas se concentravam para fazer a leitura. Além disso, usando uma escala que variava de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), os profissionais responderam sobre o quanto consideravam a taromancia como uma comunicação com o sobrenatural ($M = 2,36$; $DP = 1,25$) e quanto acreditavam ser preciso ter fé em uma força divina para conseguir ler as cartas ($M = 1,54$; $DP = 1,02$).

Responderam, também, sobre a medida com que se comunicavam com espíritos ao ler tarô ($M = 1,63$; $DP = 1,06$), o quanto acreditavam que o tarô é uma ferramenta de auxílio ao próximo e nada tem a ver com comunicação com entes sobrenaturais ($M = 3,84$; $DP = 1,30$), o quanto acreditam ser possível ler tarô sem adorar alguma divindade ($M = 4,80$; $DP = 0,73$), o quanto acreditavam que para ler tarô basta ter mediunidade ($M = 1,28$; $DP = 0,64$), o quanto acreditavam que para praticar taromancia, estudar era suficiente ($M = 3,67$; $DP = 1,31$) e o quanto acreditavam que para ler tarô era preciso estudar, mas, também, crer em alguma divindade ($M = 1,52$; $DP = 0,86$). Esses resultados demonstram que os participantes endossaram de forma moderada a maior parte dos itens (i.e., apresentam pontuações médias superiores ao ponto médio da escala de 5-pontos).

Acrescido a essas perguntas, foi questionada a opinião dos profissionais sobre como pensavam a respeito da eficácia do tarô, o que poderia descredibilizar a taromancia e qual a relação entre tarô e forças sobrenaturais. Esse resultado permite compreender que, ao ser questionados sobre ao que atribuem a eficácia da taromancia, os profissionais tenderam a associar o “simbolismo” como elemento mais forte em suas respostas. Mais objetivamente, para os profissionais, o tarô é eficaz pelo simbolismo associado a esta prática (Anexo 2).

Os participantes da população geral, por sua vez, responderam a uma série de perguntas específicas com o objetivo de serem exploradas as principais crenças relacionadas à taromancia propagadas na sociedade, tanto entre consulentes como não consulentes do tarô. Ao serem questionados sobre o significado do tarô, 82,4% responderam que sim, sabiam seu significado. Todavia, quando solicitados a escolher qual a opção correta do tarô dentre as quatro opções de baralhos de cartas disponibilizadas no questionário, somente 35,7% acertaram a opção correta. Acerca do surgimento do tarô, a maioria dos participantes afirmou não saber como ou onde o tarô surgiu (67,0%). Dentre os que responderam saber, a maior parte afirmou terem sido os ciganos os criadores do tarô (11,3%). Quando solicitados a responder sobre como se aprende a ler as cartas de

tarô, os participantes afirmaram que: estudando, lendo livros e fazendo cursos (28,5%), bem como sendo iniciados em uma tradição esotérica (17,0%).

Acerca da serventia do tarô, os participantes declararam acreditar que o tarô pode ser útil para o aconselhamento de pessoas (21,6%), para a promoção do autoconhecimento (20,9%), para a leitura do futuro (13,7%), para ajudar as pessoas a resolverem suas vidas (12,7%), bem como para a leitura do presente (12,2%) e do passado (9,5%). Mais especificamente, quando questionados sobre o que é possível saber numa leitura de tarô, os participantes da população geral declararam ser possível entender o momento ou situação de suas vidas (36,6%), o esclarecimento de algumas dificuldades (30,2%), saber sobre o futuro (17,3%) e saber sobre a vida de outras pessoas (5,7%) (Anexo 3).

Discussão

Partimos da hipótese de que mesmo persistindo o estereótipo esotérico-mediúnic, ou seja, tanto o profissional do tarô quanto as próprias cartas estão sujeitas ao agenciamento do sobrenatural e da religiosidade, está ocorrendo uma secularização, ou seja, o apartamento do sobrenatural e da religiosidade, estabelecendo a prática a necessidade do estudo da disciplina tarologia. Como objetivo geral, buscou-se, então, verificar se há roturas no estereótipo esotérico-mediúnic.

Os dados das tabelas mostram haver, para a população geral, a concretização do processo de secularização da taromancia. Dito de outra maneira, a taromancia começa a ser compreendida não apenas como uma prática esotérico-mediúnica, ou seja, vinculada à crença de sua funcionalidade, a partir de um conhecimento iniciático subordinado a entidades não humanas. Por meio dos dados coletados foi possível constatar uma terceira via de percepção verificada tanto na população quanto nos profissionais, a saber, a taromancia como prática secular, ou seja, desvinculada do sobrenatural e da religiosidade, ou seja, uma taromancia não religiosa.

Consideramos a desestereotipização tanto da profissão de taromante quanto do julgamento social do próprio processo oracular confirmada partir da ideia de que o avanço das pesquisas acadêmicas e não acadêmicas impulsionou a desmistificação da taromancia: hoje, a taromancia é reconhecida como prática profissional exercida sem crença religiosa, podendo ser exercida por pessoas religiosas e não religiosas, inclusive ateias. Isso mostra um deslocamento do estereótipo esotérico-mediúnic para uma compreensão da prática como algo que pode ser aprendido por meio de estudos. Antes, o que estava envolto em mistério esotérico é, hoje, percebido como algo a ser aprendido por livros, cursos e professores sem intermediação divina ou de suposto agente não humano.

Há, ainda, dois pontos relevantes apontados na análise de dados. O primeiro trata da resistência das lendas a respeito da qualidade sobrenatural das cartas, i.e., o nível de conhecimento da população em relação ao surgimento das cartas de tarô. Quando analisados os dados, a presença das crenças sobre o tarô surgir no Egito e ser ele herança dos gitanos está presente em 30% (55 pessoas) dos entrevistados.

Encontramos, em 7,2%, a crença de que ele foi criado por alquimistas medievais e ainda se pode encontrar resquícios da crença de ser uma herança judaica. Apenas 4,5% optaram pela opção de ser um jogo de passatempo em sua origem, isso corresponde a 10 pessoas do total de 221. Além disso, 67,9% dos participantes não sabem onde as cartas foram criadas, isso corresponde a 150 respondentes. “Não se sabe ao certo e, é uma mistura de tudo isso e muito mais das tradições místicas filosóficas e sabedorias antigas registradas que chegaram até nós”, respondeu uma das pessoas. Outra pessoa afirma que “até onde sei, não existem certezas. Algumas correntes dizem que veio do judaísmo, outros que é egípcio”. Quando feita a correspondência entre o interesse por tarô, sua origem e as fontes de informações sobre tarô e os assuntos que as interessam em geral, é possível entender melhor a causa do desconhecimento e a reminiscência das lendas. 42% dos entrevistados afirmam não buscar informação sobre tarô, ou seja, 94 pessoas nunca buscaram saber a respeito das cartas. O reflexo disto está no dado que revelou que, dos 82,4% (182 pessoas) que afirmaram saber o que é o tarô, apenas 35% escolheram a opção correta. Os dados revelam ainda que as pessoas se informam, majoritariamente, por amigos e pelas redes sociais. Livros e sites especializados estão no final do *ranking*, sendo, ainda assim, meios que inspiram suspeitas, pois, nos dias atuais há mais de três mil livros publicados (Naiff, 2020) e a internet não garante a veracidade das informações. Ou seja, as fontes de informações são suspeitas e pouco procuradas, mesmo em uma amostragem com um alto índice de ensino superior e pós-graduação, classe média e alta, branca e religiosa. As suspeitas é que encontramos uma dupla causa para este problema: (1) a não oficialização dos estudos da tarologia; e, (2) a defasagem da pesquisa acadêmica que promova conhecimento e credibilidade ao objeto; que, mesmo nos estudos das ciências humanas, há desinteresse pelos fenômenos de fronteira como a taromancia, mesmo na ciência da religião verificamos a ausência de pesquisa sobre dado tema, conforme a revisão bibliográfica nas bases de dados de teses e dissertações no Banco de Dados de Periódicos da Capes (55 artigos e 1 livro), catálogo de Teses e Dissertações da Capes (2 teses, 4 dissertações), Domínio Público (3 dissertações) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (6 dissertações) com as palavras-chave “taromancia”, “tarô”; “imaginário popular”. É quase inevitável partir dessas duas bases de pensamento amalgamado mesmo entre os estudantes ainda hoje; a maior parte dos que iniciam os estudos da tarologia guardam em si ou vestígios da crença sobre origem cigana e/ou da suposta origem egípcia, que vão sendo corroídos à medida que o neófito busca por fontes atualizadas e confiáveis, como os pesquisadores Michel Dummett (2013), na Inglaterra, e Nei Naiff (2020), no Brasil.

Um segundo ponto relevante é a desassociação das cartas com o sobrenatural, com o além-mundo, assim sendo, da ligação da taromancia com a prática da bruxaria e de mediunidade. As cartas de tarô, conforme as pesquisas de Michel Dummett (2013), diferentemente de uma pedra, foram idealizadas pela mente humana e confeccionadas por mãos humanas.

Ao contrário do início da cartomancia no Brasil, os taromantes de hoje reconhecem a independência entre as cartas e os espíritos, a não necessidade de práticas ritualísticas para a leitura e a não necessidade de religiosidade do taromante e da taromancia. Um dado importante é o exercício de sua função de mancia, ou seja, de adivinhação não

estar mais restrito à adivinhação de futuro. Talvez seja preciso discutir os termos da prática da taromancia hodierna, uma vez que oráculo e mancia, por exemplo, estão historicamente restritos às suas significações de fala sobrenatural e previsão, respectivamente. Os dados indicam que a prática do século XXI pede ou uma renovação de nomenclaturas ou expansão e flexibilização dessas categorias para suportar as novas significações e realidades da taromancia hodierna.

A prática de hoje se mostra bastante direcionada aos aspectos de autoconhecimento e aconselhamento, bem como de leitura do presente como forma de esclarecimento das situações vivenciadas no “agora”. Verificou-se essa mudança tanto entre as pessoas comuns quanto entre os profissionais.

Hoje, para os profissionais do tarô, ler o presente é tão ofertado quanto ler o futuro, que é agora muito menos solicitado pelos clientes. A demanda do cliente já não está restrita à previsão e a oferta mântica do profissional extrapola o antever dos acontecimentos, estando hoje ainda mais presente a oferta de ajuda aos clientes a compreender as situações que estão vivenciando e, orientar através de conselhos quais as atitudes possíveis de serem tomadas para o desenrolar dos acontecimentos. Apesar de os dados apresentarem a ideia da consulta de cartas como uma leitura de predição em que o leitor diz o que não foi perguntado, a consciência de que a leitura, hoje, é um meio de adquirir entendimento sobre a situação vivida e esclarecer as dificuldades do agora é extremamente presente em ambos os grupos.

Conclusão

Motivados pela busca de esclarecer a não –aleatoriedade da tipificação da CBO da taromancia, que retrata o que chamamos aqui de estereótipo da prática esotérico-mediúnica, esta pesquisa tratou de pontos relevantes na construção e sedimentação do estereótipo da taromancia. Tratamos de verificar, em nosso processo investigativo, como a taromancia é entendida hoje pela população e pelos profissionais. Foi possível perceber que um processo de secularização se iniciou, e que a compreensão atual, do século XXI, extrapola a condição de prática sobrenatural vinculada aos espíritos de mortos, sendo hoje praticada por pessoas sem nenhum tipo de crença religiosa.

Por meio desta pesquisa, foi possível verificar que o estabelecimento do estereótipo, usado aqui como nomenclatura para a ideação automatizada das pessoas ao pensarem taromancia, em especial, pessoas fora do movimento Nova Era, teve um percurso histórico de criação e desenvolvimento, e inequívoca importância de investigação do fenômeno pela ciência da religião, pois a taromancia mostrou-se parte do cotidiano da população tanto como fonte de geração de renda como um produto no mercado de consumo atual. Apesar de os dados apontarem a taromancia hodierna como uma prática secular, isto é, uma prática não sobrenatural, e ainda que uma profissão formalizada, a marginalização, mesmo entre seus usuários e praticantes, apresenta-se como reflexo da desinformação, desvalorização e descredibilidade. Há, portanto, um longo caminho para que a taromancia seja inserida de forma efetiva no seio da sociedade, seu berço primevo.

Referências

- ARRONIZ, L. Uma arte de fronteira: o fenômeno editorial “Tarô” como
- DECKER, R., DUMMETT, M. The History of the Occult Tarot: 1870-1970. Prelude Books. Edição do Kindle, 2013.
- DEL PRIORE, M. Do outro lado: A história do sobrenatural e do espiritismo. 1ª ed. – São Paulo: Planeta, 2014.
- FARLEY, H. A Cultural History of Tarot: From Entertainment to Esotericism. Canadá, CA. 1ª ed. I. B. Tauris & Co Ltd, 2009.
- GILES, C. O Tarô – Uma história crítica dos primórdios medievais à experiência quântica. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.
- GREGORY, K. Pushed and Pulled to the Internet: Self Employment in the Spiritual Marketplace. In American Behavioral Scientist, 2019, Vol. 63(2) 208–224. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/327059196_Pushed_and_Pulled_to_the_Internet_Self_Employment_in_the_Spiritual_Marketplace. Acesso em: 02/12/2021.
- GUERRIERO, S. Esoterismo e astrologia na Nova Era: do ocultismo à psicologização. In Reflexão, vol. 41, núm. 2, 2016, julho-dezembro, pp. 211-224. Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
- GUERRIERO, S. Novos Movimentos Religiosos: o quadro brasileiro. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção Temas do ensino religioso)
- linguagem estética. Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2014.
- NAIFF, N. Estudos completos do Tarô – volume 1. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2020.
- SAMPIERI, R., COLLADO C., LUCIO, M. Metodologia de pesquisa. Porto Alegre: Penso, 2020.

Recebido em: 31/07/2022

Aprovado em: 27/10/2023

Editor responsável: Fábio L. Stern

Anexo 1: Características gerais da amostra

Variável	População geral (n = 221)	Profissionais (n = 168)
Prática de religião		
Não, sou ateu	7,2	1,8
Não, mas tenho minha própria forma de espiritualidade sem culto a seres sobrenaturais	14,5	13,7
Acredito no Deus Único, mas não pratico religião	9,0	4,2
Espiritualista aberto(a) a diferentes crenças/práticas/religiões	20,8	35,1
Pratico conhecimento esotérico, me considero místico(a)	0,9	11,3
Sim, sou cristão(ã), mas não pratico as religiões cristãs	5,9	0,6
Sim, sou católico(a)	20,8	0,6
Sim, sou espírita	7,2	3,6
Sim, sou pagão/bruxo(a)/wicca	3,2	11,3
Sim, pratico a religiosidade afro-brasileira	2,3	15,5
Sim, sou evangélico(a)	5,0	0,0
Gênero		
Feminino	78,3	60,1
Masculino	20,8	35,7
Outro	0,9	4,2
Nível escolar		
Ensino Médio	10,0	17,9
Ensino Superior	43,4	43,5
Pós-Graduação Lato Sensu	26,2	15,5
Mestrado	12,2	16,1
Doutorado	8,1	7,1
Renda familiar		
Até R\$ 260,00	0,0	1,2
De R\$ 261,00 a R\$ 780,00	2,3	4,2
De R\$ 781,00 a R\$ 1300,00	5,0	12,5
De R\$ 1301,00 a R\$ 1820,00	8,1	7,7
De R\$ 1821,00 a R\$ 2600,00	12,2	12,5
De R\$ 2601,00 a R\$ 3900,00	11,3	16,1
De R\$ 3901,00 a R\$ 5200,00	18,1	10,7
De R\$ 5201,00 a R\$ 6500,00	9,5	10,1
De R\$ 6501,00 a R\$ 7800,00	7,7	6,5
Acima de R\$ 7800,00	25,8	18,5
Raça/etnia		
Negra	5,9	4,2
Parda	37,6	25,6
Branca	52,9	67,9
Indígena	1,4	1,2
Amarela	2,3	1,2

Anexo 2: Questionário aplicado aos profissionais

N (pessoas por resposta)	Grupo: Taromantes
	Você considera a taromancia uma profissão?
161 (95,8%)	Sim
7 (4,2%)	Não
	A que você atribui a eficácia da taromancia? (marque quantas desejar)
40 (23,8%)	À uma força sobrenatural que se comunica através das cartas
22 (13,1%)	Aos diversos rituais espirituais que aprendi a praticar
80 (47,6%)	À minha intuição
134 (79,8%)	A nada, o tarô é um sistema simbólico que não precisa de intermediação divina para funcionar
	Quais outros artefatos você utiliza para fazer as leituras de tarô? (marque quantas desejar)
84 (50%)	Nenhum outro, apenas me concentro para fazer a leitura
58 (34,5%)	Utilizo cristais, velas, incensos. Me ajudam a ler melhor
53 (31,5%)	Utilizo outros tipos de oráculos junto com o tarô
22 (13,1%)	Utilizo terapias complementares nos meus atendimentos
51 (30,4%)	Faço apenas uma oração pedindo permissão ao meu guia espiritual para ler cartas
	Você é praticante de alguma(s) religião(s)?
3 (1,8%)	Não, sou ateu
23 (13,7%)	Não, tenho minha própria forma de espiritualidade sem culto a seres sobrenaturais
1 (0,6%)	Não, mas me identifico com a crença Nova Era
19 (11,3%)	Sim, sou pagão/bruxa(o)/wicca
19 (11,3%)	Pratico o conhecimento esotérico, me considero mística(o)
59 (35,1%)	Sou espiritualista e aberta(o) a diferentes crenças, práticas e religiões
3 (1,8%)	Sim, faço parte de religiões da Nova Era
26 (15,5%)	Sim, pratico a religiosidade afro-brasileira
1 (0,6%)	Sou cristão(ã), mas não pratico as religiões cristãs
1 (0,6%)	Sim, sou católica(o)
0	Sim, sou evangélico(a)
6 (3,6%)	Sim, sou espírita
7 (4,2%)	Acredito no Deus Único, mas não pratico religião
	Sua religião influencia na eficiência da sua prática oracular?
29 (17,3%)	Não pratico nenhuma religião
37 (22%)	Sim
34 (20,2%)	Muito pouco
68 (40,5%)	Não influencia
	Você pratica algum ritual para ler tarô?
49 (29,2%)	Sim
119 (70,8%)	Não
	Você pratica algum tipo de magia na taromancia? (marque quantas desejar)
131 (78%)	Não
11 (6,5%)	Sim, antes, durante, depois
7 (4,2%)	Sim, apenas antes e depois
7 (4,2%)	Sim, antes da leitura
4 (2,4%)	Sim, durante a leitura
6 (3,6%)	Sim, depois da leitura
10 (6%)	Sim, eu faço a magia que meu cliente precisar
	Qual relação das forças sobrenaturais com a taromancia? (marque quantas desejar)
5 (3%)	Fazem o tarô funcionar, pois o tarô é um instrumento enviado por/pelos Deus(es)
28 (16,7%)	Relação direta entre cartas e forças sobrenaturais, pois se comunicam através delas
30 (17,9%)	Me ajudam a entender o que as cartas estão dizendo
62 (36,9%)	Nenhuma, mas sempre peço o auxílio espiritual dos meus guias/mestres
105 (62,5%)	Não há relação. O tarô é oráculo sem necessidade de vinculação com sobrenatural

126 (75%)	Você pratica a taromancia profissionalmente?
42 (25%)	Sim
	Não
69 (41,1%)	Como você aprendeu a ler as cartas de tarô? (marque quantas desejar)
17 (10,1%)	Intuitivamente
155 (92,3%)	Tradição familiar
92 (54,8%)	Estudando os livros
55 (32,7%)	Fazendo cursos on-line
11 (6,5%)	Fazendo cursos presenciais
	Sendo iniciada(o) em uma tradição esotérica/religiosa
13 (7,7%)	Você considera a taromancia bem aceita no mercado de trabalho? (marque quantas desejar)
110 (65,5%)	Sim
114 (67,9%)	Não, ainda há muita descredibilidade
60 (35,7%)	Não, ainda há muito preconceito
	Não, as pessoas não entendem bem o meu trabalho
4 (2,4%)	O que descredibiliza a taromancia? (marque quantas desejar)
120 (71,4%)	Não há descredibilidade
68 (40,5%)	A falta de informação de qualidade
75 (44,6%)	A informalidade da formação do leitor de tarô
69 (41,1%)	A quantidade de informações que encontramos na internet
127 (75,6%)	O discurso dos leitores de tarô
	A sociedade não entender o que é a taromancia
N (pessoas por resposta)	Escala Likert (1- discordo completamente; 2- discordo; 3- nem concordo nem discordo; 4- concordo; 5- concordo completamente)
50/40/3823/11	1-A taromancia é comunicação com o sobrenatural
91/34/30/8/5	2-É minha mediunidade que faz com que eu consiga ler tarô
127/22/12/4/3	3-Sem a mediunidade eu seria incapaz de ler as cartas de tarô
100/31/27/4/6	4-Eu leio tarô por ser meu dom espiritual
107/30/23/2/6	5-Sou uma pessoa de muita fé, é por isto que eu consigo ler as cartas
62/26/33/28/19	6-Só é possível ler as cartas se eu desenvolver minha intuição
118/27/12/4/7	7-É preciso ter fé em uma força divina para conseguir ler as cartas
160/7/1/0/0	8-É preciso ser iniciado em alguma religião, sociedade secreta ou seita para ler tarô
79/30/24/12/23	9-Ler tarô é praticar Magia
115/28/14/8/3	10-Ser taromante é ser bruxo (a)
115/17/24/7/5	11-Eu me comunico com espíritos ao ler tarô
16/12/26/43/71	12-Tarô é uma ferramenta de auxílio ao próximo e nada tem a ver com comunicação com entes sobrenaturais
2/2/9/22/133	13-É possível usar as cartas de tarô para diferentes fins
4/2/2/7/153	14-É possível ler tarô sem adorar alguma divindade
135/22/9/1/1	15-Para ler tarô basta ter mediunidade
112/33/18/2/3	16-Para ler tarô é preciso estudar, mas também crer em alguma divindade
15/18/38/34/63	17-Para praticar taromancia, estudar é suficiente
0/2/7/19/140	18-Ateu pode ler tarô

Anexo 3: questionário aplicado à população geral

N (pessoas por resposta)	Grupo: População Geral
182 (82,4%)	Você sabe o que é tarô?
39 (17,6%)	Sim
	Não
150 (67,9%)	Como surgiu o tarô, você sabe? (marque quantas desejar)
23 (10,4%)	Não
32 (14,5%)	Sim, veio do Antigo Egito
1 (0,5%)	Sim, foram os ciganos que criaram o tarô
6 (2,7%)	Sim, é uma herança dos povos da Atlântida
16 (7,2%)	Sim, é um sistema simbólico herdado dos judeus
10 (4,5%)	Sim, o tarô foi inventado pelos alquimistas medievais
	Sim, foi um jogo de azar ou passatempo
128 (57,9%)	Ler tarô é profissão?
9 (4,1%)	Sim
37 (16,7%)	Não
47 (21,3%)	Talvez
	Não sei
60 (27,1%)	Aprende-se a ler as cartas de tarô (marque quantas desejar)
70 (31,7%)	Intuitivamente
58 (26,2%)	Tradição familiar
210 (95%)	Sendo iniciada(o) em uma tradição esotérica/religiosa
	Estudando, lendo livros e fazendo cursos
112 (20,7%)	O tarô serve para (marque quantas desejar)
78 (35,3%)	Ler o futuro
100 (45,2%)	Ler o passado
177 (80,1%)	Ler o presente
171 (77,4%)	Aconselhar
104 (47,1%)	Promover autoconhecimento
17 (7,7%)	Ajudar as pessoas a resolverem suas vidas
9 (4,1%)	Enganar pessoas de boa fé
6 (2,7%)	Ser inspiração para moda, filmes, livros e teatro
24 (10,9%)	Ser um instrumento de facilitação da aprendizagem em escolas
	Ser fonte de narrativa da história da sociedade
11 (5%)	Como acontece a leitura de tarô? (marque quantas desejar)
1 (0,5%)	O leitor de cartas incorpora um espírito que me conta o que vai acontecer na minha vida
180 (81,4%)	O leitor de cartas faz uns trabalhos espirituais que vão solucionar meus problemas
58 (26,2%)	O profissional interpreta as imagens de um jogo sobre meu momento de vida
64 (29%)	O profissional conecta meu inconsciente através das cartas
	O profissional usa as cartas para acessar a intuição e me dizer o que vai acontecer no futuro
116 (52,5%)	Depende da abordagem que o profissional utilizar
9 (4,1%)	O que você pensa a respeito dos profissionais que jogam tarô? (marque quantas desejar)
97 (43,9%)	São mentirosos e charlatões
123 (55,7%)	São pessoas místicas
38 (17,2%)	São pessoas intuitivas
179 (81%)	São médiuns
2 (0,9%)	São pessoas comuns que estudam para isso
	São pessoas sem opção de realizar outro trabalho

N (pessoas por resposta)	Escala Likert (1- discordo completamente; 2- discordo; 3- nem concordo nem discordo; 4- concordo; 5- concordo completamente)
33/28/59/52/49	1 –Para ler tarô é preciso ter um dom
29/24/54/43/71	2-Para o tarô funcionar é preciso acreditar, ter fé nele
107/55/39/16/4	3-É necessário ser vidente para ler tarô
117/49/32/13/10	4-Para ler tarô é preciso ser médium (comunicar-se com espíritos)
44/23/58/53/43	5-Só lê tarô quem desenvolve a intuição
27/14/51/73/56	6-Tarô é coisa de gente que gosta dessas coisas místicas
71/44/68/21/17	7-Para ler tarô é preciso acender vela e incenso, colocar uns cristais e pedir permissão do guia espiritual
111/37/45/14/14	8-Quem lê tarô faz parte de alguma religião
164/31/24/0/2	9-Lê tarô quem faz parte de seitas
149/29/27/11/5	10-Ler tarô é fazer trabalho de magia
146/23/31/7/14	11-Tarô é bruxaria
195/13/11/0/2	12-Leitura de tarô é coisa do diabo
26/29/85/50/31	13-Tarô serve para saber sobre o futuro
22/10/41/49/99	14-O tarô pode ser lido por quem não tem crença religiosa
3/1/15/22/180	15-Para ler tarô é preciso estudar